

Variantes sociolinguísticas e a posteriorização das fricativas vozeadas em Alagoas

Sociolinguistic variants and posteriorization of voiced fricatives in Alagoas/Brazil

Eliane Vitorino de Moura Oliveira*

Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, AL, Brasil

Marcleya Thaynara Ribeiro dos Santos**

Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, AL, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a troca das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] pela fricativa glotal [ɦ], processo chamado de posteriorização ou lenição, na variedade praticada em Alagoas. Tendo como sustentação e metodologia a Sociolinguística Variacionista, mensuramos a influência de fatores linguísticos, basicamente o contexto fonológico posterior, e extralinguísticos, como o sexo, idade, escolaridade, profissão, local de nascimento e de moradia, para a ocorrência da posteriorização das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ], pela fricativa glotal [ɦ] (FVLAP_FG), visando traçar um perfil sociolinguístico do falante que pratica essa variedade em Alagoas. O corpus foi composto a partir da transcrição da fala de seis informantes, sendo três homens e três mulheres, obtido a partir de respostas a um questionário e da leitura direcionada realizada pelos seis informantes. As discussões dos resultados, incipientes, mostram que a nasalização influencia na posteriorização (FVLAP_FG), havendo tendência maior de esse fenômeno ocorrer na fala de pessoas do sexo masculino, nascidas e criadas na zona rural. Tal estudo, entretanto, por seu caráter pioneiro e devido à limitação de seu corpus, pode servir de ponto inicial para pesquisas mais abrangentes.

Palavras-chave: Nasalização. Posteriorização. Sociolinguística.

Abstract: This article analyzes the exchange of some voiced fricatives: labiodental [v], alveolar, [z] and palatal [ʒ] for glottal fricative [ɦ], a process called posteriorization, in the variety spoken in Alagoas. Based on Sociolinguistics, we measure the influence of linguistic factors, basically the posterior phonological context, and extralinguistic factors, such as gender, age, schooling, profession, place of birth and residence, for the occurrence of posteriorization of some voiced fricatives: labiodental [v], alveolar, [z] and palatal [ʒ] for glottal fricative [ɦ] with the aim of establishing a speaker's sociolinguistic profile who practices this variety in Alagoas. The *corpus* was comprised of speeches of six informants, three men and three women, as answers to a questionnaire and as readings of texts developed for this research. Discussions of the thus far incipient results show that nasalization influences posteriorization of some voiced fricatives: labiodental [v], alveolar, [z] and palatal [ʒ] for glottal fricative [ɦ], with a greater

* Docente na Universidade Federal de Alagoas, Curso de Letras Língua Portuguesa, Campus Arapiraca, Curso de Pedagogia EaD, Alagoas, Brasil; eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br

**Graduanda em Letras Português na Universidade Federal de Alagoas, Curso de Letras Língua Portuguesa, Campus Arapiraca; marcleyaribeiro@gmail.com

tendency for this phenomenon to occur in men's speeches, born and raised in rural areas. Such a study, however, by its pioneering and rather restricted *corpus*, can serve as a starting point for more comprehensive researches.

Keywords: Nasalization. Posteriorization. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Constituímo-nos como sujeitos pela linguagem. O que nos difere dos outros animais e nos faz humanos é nossa capacidade de articular essa linguagem em uma língua e materializá-la na fala. Nessa concretização, há fatores de toda a ordem operando: condicionadores linguísticos, idade, sexo, identidade, redes de interação, acesso à escrita, papel social desempenhado no momento da interação, entre outros. E é isso que desautoriza a concepção de língua como um produto acabado, heterogêneo e imutável.

Como mostram os estudos da Sociolinguística, a variação é inerente a toda e qualquer língua natural, com variantes coexistindo harmonicamente ou concorrendo entre si no plano lexical, sintático, fonológico e discursivo dessas línguas, representando variedades, diferenças, ou seja, identificando os falantes por meio dos usos de uma ou outra dessas variantes.

Em meio às representações de uma ou outra forma de falar, a diferença dialetal entre as regiões do Brasil é uma das mais percebidas e comentadas, pois os falantes trazem marcas características que os alocam como representantes regionais. É fácil distinguir nordestinos de sulistas, por exemplo, pelas variantes utilizadas em sua expressão linguística. Essas diferenças dialetais podem estar presentes em níveis vários, como já mencionamos aqui, e, neste trabalho, focamos em sua realização no plano fonético, mais especificamente, em um processo de alofonia.

Nesse contexto, este artigo analisa a posteriorização (também chamada de lenição ou glotalização), ou seja, o fenômeno que marca a troca das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] pela fricativa glotal [ɦ] (Cristófaros Silva, 2002) na variedade linguística praticada no estado de Alagoas, pois diferentemente do que é propagado pela mídia não nordestina, a região nordeste não é um bloco dialetal homogêneo, uma vez que há variadas e distintas formas de expressão linguística nos estados e municípios que compõem essa região.

Cientes dessa variação, objetivamos analisar a influência de fatores internos, como a nasalização em sílabas próximas, e extralinguísticos, com as variáveis tradicionais da pesquisa sociolinguística, na posteriorização das fricativas vozeadas labiodental [v], alveolar [z] e palatal [ʒ] pela fricativa glotal [ɦ], de ora em diante apenas *posteriorização FVLAP_FG*, realizada na fala dos informantes, visando traçar o perfil sociolinguístico do alagoano que pratica tal variedade.

Pesquisar o processo de alofonia, ou a unidade formada quando, em um mesmo contexto, dois sons ou mais possuem o mesmo valor fonêmico em um sistema linguístico (Cristófaros Silva, 2002), justifica-se por ser um fenômeno recorrente na variedade falada no estado de Alagoas.

Além disso, o caráter germinal desta pesquisa tem que ser destacado, visto que o trabalho aqui apresentado tem certo ineditismo no estado brasileiro de Alagoas. Amplos estudos realizados por pesquisadores alagoanos, sobretudo

integrantes do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, têm se voltado para fatores diversos, visando descrever a variedade praticada no estado, sem, entretanto, desenvolver pesquisas com esta temática. Não há, inclusive, muitos estudos que tratem deste aspecto no país.

Dessa maneira, buscamos dar nosso contributo para tal descrição, apresentando os fatores que afetam a realização da posteriorização FVLAP_FG em nosso corpus. Labov (2008) relata a importância dos fatores internos e externos à língua para a configuração de comunidades de fala. Com isso em mente, cremos que a nasalização seja fator preponderante para a realização do processo aqui em estudo, sem deixar de considerar como relevantes para isso fatores extralinguísticos, como idade, sexo, escolaridade, local de nascimento e local de moradia. Tal hipótese foi testada nos dados coletados e aqui apresentamos, o que resultou de tais análises.

Para tanto, o trabalho divide-se, além desta introdução e das considerações finais, em duas seções. Na primeira, apresentamos o referencial teórico que tomamos como base e os procedimentos metodológicos adotados para chegar às conclusões e, na segunda, a apresentação das análises e a discussão dos resultados obtidos.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

É de conhecimento geral a existência de diferenças dialetais entre as regiões do Brasil, mais marcadamente entre as regiões Nordeste e Sudeste. Essas diferenças podem estar presentes no vocabulário ou nas expressões idiomáticas, mas também podem se realizar no plano fonético por meio de alofonia, como em: [mũjto]/[mũjtfo]; [diɐ]/[dʒiɐ]; [aʒẽtʃi]/[aʒẽti].

Nesses exemplos, há casos clássicos de alofonia no português brasileiro (PB), em que a mudança de segmento fônico não modifica o sentido da palavra ou da expressão (Cagliari, 2002; Cristófaros Silva, 2002).

O que chamamos aqui de posteriorização é a troca das fricativas vozeadas labiodental [v] (como em [vɐmuʒ]), alveolar [z] (como em [mɛʒmu]) e palatal [ʒ] (como em *gente*) pela fricativa glotal [ɦ], como no exemplo [aʒẽtʃi]/[aʒẽti], descrito anteriormente.

Como já dissemos, a descrição deste fenômeno nas variedades alagoanas é desconhecida. O estudo de April (2007) mostra fato semelhante ocorrendo no francês canadense, mais especificamente na variedade praticada em Quebec. No Brasil, Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) descrevem este fenômeno para um dialeto cearense, mostrando alguns contextos favoráveis à posteriorização FVLAP_FG, como a ocorrência de [v], [z] e [ʒ] seguidos por nasais, laterais e a oclusiva dental [d]. O mesmo ambiente foi descrito por Alencar (2007) e Roncarati¹ (1999) também para um dialeto cearense. Portanto, os estudos nesse sentido são quase inexistentes.

A observação prévia da ocorrência desse fenômeno na fala de moradores de algumas cidades alagoanas indica que a nasalização posterior à ocorrência das

¹ Citados por Rodrigues, Araújo e Aragão (2013).

fricativas seja o fator responsável pela glotalização dessas consoantes, como ocorre em *mais nada*, realizada [maifi nadø] e *desmantelado*, [dʒifimêtelado].

O ponto de vista fonético, mais especificamente da fonética acústica (Barbosa; Madureira, 2015), que citamos aqui apenas para ilustração, pois não se trata do foco do trabalho, alega que algum fenômeno acústico possa estar envolvido nesse processo, fazendo com que a realização das fricativas velar, alveolar e palatal ocorra na região glotal. Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 86), as consoantes fricativas são pronunciadas com a constrição do canal bucal, gerando uma oclusão de forma parcial, em que a passagem do ar pelas cavidades supraglóticas ocasiona um ruído de fricção. O véu do palato, assim, permanece levantado e o ar passa somente pela cavidade oral.

Uma hipótese para a posteriorização FVLAP_FG é de que a ocorrência de um segmento nasal após as fricativas velar, labiodental e palatal faz com que o véu palatino já esteja abaixado durante a realização, ocasionando um acúmulo de energia na região posterior do trato vocal, acarretando a substituição das fricativas anteriores pela glotal. Nesse caso, o fenômeno alteraria apenas o ponto de articulação e não o modo de articulação fricativo, sem haver obviamente, mudança de significado.

Tal fenômeno, mais do que expressar diferenças sonoras, pode prenunciar fatores externos à língua. Como prevê Fisher (1974, p. 93), “[...] as pessoas adotam uma variante não porque seja mais fácil de pronunciar (o que frequentemente acontece, porém nem sempre)”, mas porque revelam por elas sentimento, identidade, percepção de si diante do outro de maneira irrefletida.

Apesar de recorrente na fala dos alagoanos, a realização da posteriorização FVLAP_FG não parece ser bem aceita pelos falantes, o que vai ao encontro de resultados observados por Labov (2008) ao analisar a pronúncia do /r/ em Nova Iorque, quando observou que os falantes percebiam sua intenção fônica e não propriamente a produção real dos sons. Isso é explicado por Bortoni-Ricardo (2014, p. 42):

Em relação a línguas e variedades que compõem o repertório de sua comunidade de fala, os falantes podem ter sentimentos de orgulho, de lealdade, podem nutrir por ela sentimentos positivos, considerando-as bonitas e agradáveis de ouvir, ou sentimentos negativos, associando-as a *status* desprestigiados da sociedade.

É nesse sentido que a posteriorização FVLAP_FG pode acarretar preconceito social e linguístico (Bagno, 2015). Não é raro aparecerem na mídia personagens, sobretudo nordestinos e de origem rural, ridicularizados por conta de sua expressão linguística. O fenômeno aqui estudado serve, nestes casos, como elemento de caricaturização. Um despropósito, como esclarece Bagno (2015, p. 73), pois “[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou social que seja intrinsecamente ‘melhor’, ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta’ que outra” (grifos do autor), ou seja, toda forma de falar tem o mesmo estatuto, já que, ainda de acordo com Bagno (2015, p. 73) “[...] toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.”

Isso se dá por haver fatores linguísticos e extralinguísticos operando na escolha dos falantes, o que interessa sobremaneira para a Sociolinguística, uma área da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade e entende que “[...] em se

tratando de língua, tudo o que acontece tem uma explicação, que encontramos dentro ou fora dela – existem forças que agem sobre a língua e a influenciam continuamente.” (Coelho et al., 2015, p. 14).

Santos e Vítório (2011, p. 15), após destacarem a origem interdisciplinar da Sociolinguística, relatam que a área se fixa, na década de 1960, reagindo contra preceitos estruturalistas e gerativistas que não consideravam o contexto social como relevante para os estudos das línguas, contribuindo, com isso, para o fortalecimento do mito da homogeneidade linguística.

É nesta perspectiva, ou seja, embasados pela Sociolinguística Variacionista, que analisamos quais fatores operam na corporificação ou não da posteriorização FVLAP_FG. Para tanto, realizamos uma pesquisa de cunho quantitativo, uma vez que ela busca identificar e explicar fenômenos linguísticos em um corpus obtido a partir de amostra aleatória (Guy, 2007), originalmente coletado para um projeto de Iniciação Científica realizado na UFAL/Arapiraca². O trabalho preocupou-se com ações que garantissem a confiabilidade, como a replicabilidade, seguindo o que orienta Guy (2007) sobre a codificação dos mesmos dados em períodos de tempos diferentes³.

Inicialmente, foi desenvolvida uma lista de palavras com tendência a apresentar o fenômeno em estudo para, em seguida, serem elaborados textos com tais palavras, para leitura dos pesquisados. Além disso, um questionário sociolinguístico foi elaborado, a fim de obter o vernáculo dos informantes.

Nosso questionário, inicialmente, contou com perguntas sobre idade, nível de escolaridade, profissão, local de nascimento e moradia. Tais questões, além de traçarem o perfil social dos nossos entrevistados, visaram *quebrar o gelo*, diminuindo o impacto do gravador, do entrevistador, ou seja, daquilo que Labov (2008) denomina “paradoxo do entrevistador.”

Ainda tentando amenizar a influência do entrevistador na obtenção do vernáculo, usamos estratégias sugeridas por Labov (2008), como utilizar perguntas com o intuito de obter narrativas, descrições, opiniões, gostos pessoais dos nossos inquiridos, em perguntas como: “Como foi sua infância?”; “Há algum fato ocorrido na infância que tenha marcado por ser engraçado, triste, alegre? Pode nos contar?”; “Gosta de ler? Pode contar sobre o livro de que mais gostou?”, entre outras.

A estratégia se mostrou produtiva, uma vez que obtivemos uma média de vinte a vinte e cinco minutos de gravações por entrevistado, os quais trouxeram alguns momentos de posteriorização FVLAP_FG.

Tais procedimentos visaram abarcar alguns dos estilos contextuais incluídos por Labov (2008) em seus modelos de análise: a fala casual e a fala monitorada, a partir das respostas ao questionário, e da leitura de texto. Coelho et al. (2015) explicam que “fala casual” se refere a momentos de expressão espontânea que fogem à entrevista, como interrupções, divagações e pequenas narrações feitas pelos

² Trata-se de projeto de pesquisa realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, em 2017, intitulado *A influência da nasalização na posteriorização de fricativas vozeadas no dialeto alagoano*. O projeto contou com quatro pesquisadores: uma orientadora, dois bolsistas e uma colaboradora.

³ Refizemos a análise, feita inicialmente em 2018, no início de 2020, encontrando os mesmos resultados.

informantes. Já a “fala monitorada” é aquela mais acurada, em que o falante presta total atenção à sua expressão e, pela situação, é recorrente ao longo da entrevista. Já “leitura de texto” são trechos lidos pelos informantes, nos quais as variáveis analisadas são distribuídas ao longo do texto.

Esses processos compõem o corpus desta pesquisa, o qual é constituído a partir da gravação da fala de seis informantes, estratificados em sexo, faixa etária, nível de escolaridade, profissão, local de nascimento e local de moradia, conforme mostra o quadro seguir:

	<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Naturalidade</i>	<i>Local de moradia</i>
<i>INF1</i>	Masculino	35	Doutorado	Professor ES	Arapiraca	Maceió
<i>INF2</i>	Masculino	23	Graduação	Professor EB	Arapiraca	Arapiraca
<i>INF3</i>	Masculino	34	Graduação	Radialista	Junqueiro	Teotônio Vilela
<i>INF4</i>	Feminino	34	Especialização	TAE	Maceió	Arapiraca
<i>INF5</i>	Feminino	21	Graduação	Estudante	Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios
<i>INF6</i>	Feminino	33	Graduação	Professora EB	Penedo	Penedo

Fonte: Elaboração própria (2019).

Quadro 1 – Informantes⁴.

Vale relatar que, além de terem nascido no estado de Alagoas, todos os informantes têm pais alagoanos, vivem e viveram toda sua vida no estado. Além disso, o nível socioeconômico dos seis é semelhante⁵, ainda que o INF1 possa representar, pelo nível de escolaridade e pela profissão, um nível de certo modo superior ao dos demais.

As respostas ao questionário sociolinguístico totalizaram cerca de vinte e cinco minutos por entrevista. Tais respostas e as leituras direcionadas foram gravadas, sendo posteriormente transcritas grafematicamente, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo Projeto Vertentes, da UFBA⁶, para que fossem avaliados quais fatores influenciam os informantes a realizar ou não a posteriorização FVLAP_FG. Apresentamos os resultados a seguir.

⁴ INF1 é abreviação de Informante 1; INF2, de informante 2, e assim sucessivamente, até o informante 6.

⁵ O reconhecimento do nível socioeconômico dos informantes é baseado nas profissões exercidas por eles.

⁶ Conforme chave de transcrição disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf. [Acesso 02 fev. 2020].

3 ANÁLISE: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A interação com falantes alagoanos, e nossa própria condição de falantes desta variedade linguística, permitiu perceber que muitos de nós costumamos apresentar a posteriorização FVLAP_FG em nossa expressão linguística. A realização em determinados contextos e, em outros, não, acendeu o interesse pela pesquisa.

Paula (2011, p. 31) fala sobre a presença da variação “[...] quando o falante se depara com a possibilidade de expressar o mesmo referente através de formas alternativas, definidas como variantes, que, por sua vez, refletem um fenômeno linguístico variável”. Intuitivamente, já que o processo inicial vai depender das impressões do pesquisador sobre aquilo que pesquisa, buscamos delimitar nosso objeto, identificando a variável e suas possíveis variantes, conforme apresentamos em outro ponto deste artigo: como *variável*, as fricativas vozeadas bilabial [v], alveolar [z] e palatal [ʒ], e as variantes *posteriorizadas* ou *não posteriorizadas*.

Com nosso *envelope de variação* delimitado, fomos em busca de respostas para a questão: *O que ocasionaria tal fenômeno?* Coelho et al. (2015, p. 32) relatam ser comum “[...] que condicionadores fonético-fonológicos influenciem o uso de uma ou de outra variante fonológica”, mas também destacam a importância dos fatores que atuam fora da língua.

O olhar para os aspectos internos e para os externos é parte deste trabalho. Começamos pelos internos, a seguir.

3.1 Fatores linguísticos

A primeira resposta possível, como já mencionamos, foi que um contexto linguístico seria responsável pela posteriorização FVLAP_FG, ou seja, que as fricativas vozeadas bilabial [v], alveolar [z] e palatal [ʒ], quando seguidas de segmento nasal, como em *vamos*, *gente*, *mesmo*, seriam posteriorizadas.

Tal fenômeno é recorrente na fala de nossos informantes em momentos mais descontraídos, ao passo que, na leitura, foi pouco produtivo, como vemos no quadro a seguir:

<i>Informante</i>	<i>Palavras/ expressões</i>	<i>Contexto fonológico</i>
INF1	-	
INF2	Tava naquela; mesmice	Sílaba posterior nasal
INF3	-	
INF4	-	
INF5	Mesmice	Sílaba posterior nasal
INF6	-	

Fonte: Elaboração própria (2019).

Quadro 2 – Posteriorização FVLAP_FG na leitura.

Reiteramos que, para efeitos de comprovação, o procedimento “leitura de texto” não se mostrou importante, talvez porque, no momento da leitura, os informantes tenham mantido atenção total à sua fala, dado ser este um contexto de maior formalidade.

Como vemos em Bortoni-Ricardo (2009), quando propõe um método para a análise do PB, os eventos de comunicação podem ser dispostos em uma linha imaginária, chamada de contínuo de oralidade-letramento, em que, num dos polos, se alocam as interações mediadas pela escrita e, no outro, sem a interferência do texto escrito. No caso da leitura de texto, podemos considerar um evento de interação totalmente mediado pela escrita, estando, portanto, no polo de letramento, o qual, dada essa característica, se distanciaria sobremaneira do vernáculo.

De qualquer forma, as realizações apresentadas, ainda que mínimas, atestam a hipótese levantada: a posteriorização FVLAP_FG ocorreu em palavras e expressões cuja sílaba posterior apresenta nasalização.

Ademais, os resultados do quadro corroboram uma premissa da Sociolinguística, que Coelho et al. (2015, p. 102) bem sintetizam, para a qual “[...] as amostras mais representativas para este tipo de pesquisa são as de fala espontânea”. Entretanto, obter esses dados não é uma tarefa fácil. Não bastasse a dificuldade em obter informantes, visto que não são todos que se interessam em participar altruisticamente de uma pesquisa, a busca pela fala espontânea pode ser influenciada por quem pesquisa, como mencionamos anteriormente. A metodologia utilizada se mostrou produtora, e apresentamos os resultados no quadro a seguir:

<i>Informante</i>	<i>Enunciados</i>
INF1	-
INF2	“eu não gostava não”; “a fiende ficava com a minha vó”; “a fiende passava o dia inteiro na roça”; “a fiende ficava em casa”; “aí mefimo pequenininho”; “é verdade mefimo”; “a fiende faz almoço”; “a fiende não cai”.
INF3	“eu estudava no ensino fundamental”; “porque eu chegava atrasado”; “militavam nessa área”; “mafi não é toda desgraça”; “mafi você não vai lá”; “convidado pela igreja católica”; “pela igreja católica”.
INF4	“terminei um curso mefimo sem gostar”; “em casa mefimo”.
INF5	“essas coisas que mefimo a fiende sem querer”.
INF6	“me livrar mefimo”; “a fiende tá, a fiende vive”

Fonte: Elaboração própria (2019).

Quadro 3 – Posteriorização FVLAP_FG na fala espontânea.

Como vemos no quadro, o Inf1 não apresenta o fenômeno em sua fala. Uma possível resposta para tal fato seria que, por ser professor do Curso de Letras, mesmo não conhecendo as variáveis que buscávamos, tivesse perfeita noção de que sua fala estava sendo avaliada. Dessa forma, é possível que tenha se monitorado

durante todo o período da entrevista, não permitindo que acessássemos o seu vernáculo. Os dados obtidos com o informante não são de todo descartáveis no entanto, pois, consoante Tarallo (2007, p. 19), “[...] aquele material que não apresente as características do vernáculo poderá ser utilizado na análise sociolinguística, caso o pesquisador saiba caracterizá-lo devidamente e desde que ele o aproveite com novas hipóteses em mente.”.

Vale relatar que os informantes que posteriorizaram fizeram-no da metade da entrevista para o final, um fato bastante comum. Fischer (1974, p. 91) discorre sobre a diferença de frequência das variantes obtidas no início e no fim das entrevistas. Discorrendo acerca de seu trabalho com crianças na Nova Inglaterra, o autor relata que a variante formal que ele analisava, o =*ing*, era mais comum no início da entrevista, diminuindo ao final.

Sintetizando, podemos dizer que os resultados, como a grande incidência da posteriorização FVLAP_FG em palavras como *mesmo* e na expressão *a gente*, comprovam a hipótese inicial de que o segmento nasal, após essas fricativas, faz com que o véu do palato já esteja abaixado durante sua realização, provocando um acúmulo de energia na região posterior do trato vocal, causando a troca das fricativas anteriores pela glotal.

Vale ressaltar, entretanto, a não-observância com as fricativas vozeadas bilabial [v] no contexto hipotetizado. Entretanto, observamos, pelo Quadro 3, a posteriorização FVLAP_FG no emprego de verbos da primeira conjugação, no pretérito imperfeito do indicativo (terminados em *-ava*) e em outros contextos em que as fricativas não aparecem acompanhadas de segmento nasal, como em *igreja* e em *mais você*. Tais resultados apontam para outros fatores atuando para a realização do fenômeno aqui em foco.

Estudos mais aprofundados poderão trazer contribuições para a pesquisa deste tipo de alofonia. Como nosso corpus é um tanto reduzido e nosso olhar é específico, deixamos o caminho aberto para novas buscas por respostas, tanto para nós mesmos, quanto para outros pesquisadores. Por ora, dando continuidade ao nosso objetivo, apresentamos os fatores externos que podem influenciar na posteriorização FVLAP_FG.

3.2 Fatores Externos

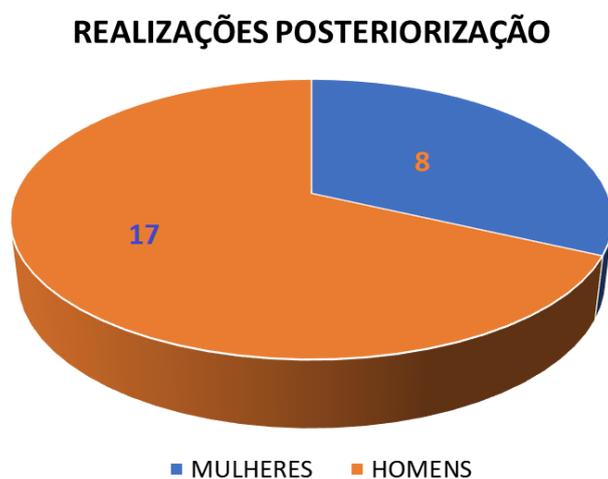
Em Tarallo (2007), vemos que “[...] a sistematização do ‘caos linguístico’ demonstra, em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem”. O quadro 4 apresenta, de maneira resumida, os resultados de forças fora da língua agindo na posteriorização FVLAP_FG:

<i>Inf</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Naturalidade</i>	<i>Moradia</i>	<i>Profissão</i>	<i>Posteriorização</i>
INF1	M	35	Doutorado	Arapiraca	Maceió	Professor	0
INF2	M	23	Graduação	Arapiraca	Arapiraca	Professor	10
INF3	M	34	Graduação	Junqueiro	Teotônio Vilela	Radialista	7
INF4	F	34	Especialização	Maceió	Arapiraca	Técnica Administrat.	2
INF5	F	21	Graduação	Palmeira dos Índios	Palmeira dos Índios	Estudante	3
INF6	F	33	Graduação	Penedo	Penedo	Professora	3

Fonte: Elaboração própria (2019).

Quadro 4 – Fatores extralinguísticos.

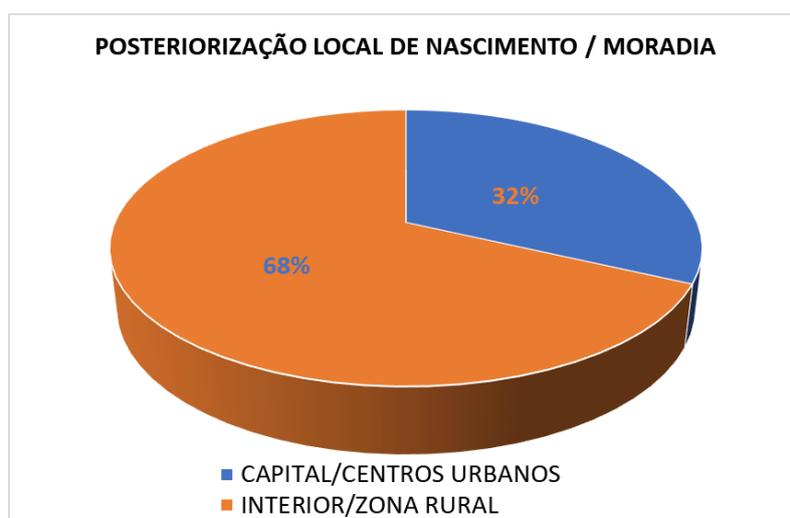
A primeira variável – sexo – mostrou-se relevante, uma vez que há maior incidência da posteriorização FVLAP_FG entre os homens, o que pode ser uma comprovação do que prevê Labov (2008) quando alega que as mulheres são mais cuidadosas em sua expressão linguística. Mostramos isso no gráfico a seguir:



Fonte: Elaboração própria (2019).

Gráfico 1 – Fatores externos: sexo.

A idade, escolaridade e profissão não parecem causar impacto neste fenômeno. Já local de nascimento e de moradia, sim, uma vez que os dois falantes que apresentaram uma ampla variedade de glotalização têm dados a se considerar nesse quesito. Os dados são melhor descritos no gráfico 2.



Fonte: Elaboração própria (2019).

Gráfico 2 – O peso da naturalidade/local de moradia para a posteriorização FVLAP_FG.

O Inf2, professor de educação básica, com menos de trinta anos, é nascido e criado na zona rural de Arapiraca, portanto, suas redes de interação podem ser com falantes em cuja variedade a posteriorização FVLAP_FG seja produtiva.

O Inf3 tem trinta e quatro anos, é radialista e nasceu no interior, vivendo hoje em outra cidade pequena, também no interior de Alagoas, onde a convivência com pessoas com menos acesso à cultura letrada e em cuja expressão predominem traços descontínuos pode interferir neste resultado. Mais uma vez, atestamos a necessidade de análises mais aprofundadas.

Essas foram as análises possíveis nos dados obtidos. Apresentamos, na sequência, nossas considerações finais sobre o trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discorreremos sobre a posteriorização FVLAP_FG na fala dos alagoanos. Pelas análises ao corpus constituído de gravações de leitura de textos e entrevista com seis participantes, comprovamos a hipótese inicial, ou seja, nossos resultados apontaram para a nasalização como fator preponderante para a realização posteriorizada das fricativas vozeadas alveolar [z] e palatal [ʒ], quando seguidas de segmento nasal, principalmente na recorrente expressão *a gente* e na palavra *mesmo*. Entretanto, a bilabial [v] não foi produtiva neste estudo.

Comprovamos, também, que fatores extralinguísticos operam para a lenição, em especial gênero, local de nascimento e de moradia dos informantes, visto que os homens nascidos, criados e ainda moradores do interior do estado de Alagoas foram os que mais apresentaram o fenômeno em sua expressão linguística.

Embora com um corpus restrito, nosso estudo traz um olhar inicial para o fenômeno aqui descrito, o qual não tem sido alvo de estudos sistematizados não só em Alagoas, como também em outras regiões do país. Como todo trabalho pioneiro, este abre amplas possibilidades de pesquisa, por isso, é nosso intento seguir olhando

para a posteriorização FVLAP_FG em trabalhos futuros, convidando outros pesquisadores a juntarem-se a nós neste fecundo campo de pesquisa.

Por fim, reforçamos a importância da descrição de todas as variedades praticadas em nosso país, mais especialmente de variantes faladas por comunidades cuja expressão linguística é considerada feia e errada pelo senso comum, sendo comumente tipificada como caricatura, quando se intenta levar ao riso. É premente mostrar que todas as variedades são legítimas, pois são utilizadas por falantes reais em seus reais momentos de interação.

É necessário que o preconceito linguístico seja combatido, pois não há motivos para que haja a desvalorização do indivíduo pela forma como se expressa, uma vez que cada pessoa é única. Ter *sotaque*, demonstrando sua identidade, sua raiz regional, deve ser motivo de orgulho, de identificação, de pertencimento e até de amor.

REFERÊNCIAS

- Aprill P. The posteriorization of palato-alveolar fricatives in Quebec French: an effort-based approach. *Ottawa Papers in Linguistics*. 2007;35:1-24.
- Bagno M. Preconceito linguístico. São Paulo: Parábola Editorial; 2015.
- Barbosa PA, Madureira S. Manual de fonética acústica experimental. São Paulo: Cortez; 2015.
- Bortoni-Ricardo SM. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.
- Bortoni-Ricardo SM. Manual de sociolinguística. São Paulo: Contexto; 2014.
- Cagliari LC. Análise fonológica. Campinas: Mercado de Letras; 2002.
- Coelho IL, et al. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto; 2015.
- Fischer JL. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: Fonseca MSV, Neves MF, organizadores. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado; 1974. p. 87-98.
- Guy GR. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: Guy GR, Zilles A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial; 2007. p. 19-46.
- Labov W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial; 2008.
- Paula AS. O trabalho de campo sociolinguístico. In: Costa JF, Santos RLA, Vitorio EGSLA, organizadores. *Variação e mudança linguística no Estado de Alagoas*. Maceió: Edufal; 2011. p. 29-42.
- Rodrigues AGP, Araujo AA, Aragão MSS. Enfraquecimento de fricativas no atlas linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. *Revista Trama*. 2013;9(18):53-64.
- Santos RL, Vitorio EGSLA. Teoria da variação e mudança linguística. In: Costa JF, Santos RLA, Vitorio EGSLA, organizadores. *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: Edufal; 2011. p. 13-28.
- Seara IC, Nunes VG, Lazzarotto-Volcão C. Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro. São Paulo: Contexto; 2015.

Silva TC. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto; 2002.

Tarallo F. A Pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática; 2007.

FLP22(1)